

Grupo I

Para publicar o seu livro de contos, intitulado *Azulejos*, o conde de Arnoso pediu a Eça de Queirós que lhe escrevesse um prefácio. O texto que abaixo se transcreve é um excerto desse preâmbulo.

1 Nos tempos em que Voltaire¹ se contentava com cem leitores, esses cem homens que liam eram tratados pelos escritores com um cerimonial e uma adulação. Em verdade o leitor de então, «o amigo leitor», pertencia sempre aos altos corpos do Estado: o alfabeto ainda se não tinha democratizado; quase apenas sabiam ler as Academias, alguns da nobreza. Mas esta cortesia, em que havia emoção, provinha sobretudo de que o escritor, há cem anos, dirigia-se particularmente a uma pessoa de saber e de gosto; amiga da eloquência e da tragédia, que ocupava os seus ócios luxuosos a ler, e que se chamava «o Leitor»: e hoje dirige-se esparsamente a uma multidão azafamada e tosca que se chama «o público».

10 Esta expressão, «a leitura», há cem anos, sugeria logo a imagem de uma livraria silenciosa, com bustos de Platão e de Séneca², uma ampla poltrona almofadada, uma janela aberta sobre os aromas de um jardim: e neste retiro austero de paz estudiosa, um homem fino, erudito, saboreando linha a linha o seu livro, num recolhimento quase amoroso. A ideia de leitura, hoje, lembra apenas uma turba folheando páginas à pressa, no rumor de uma praça.

15 Ora quando este leitor, douto, agudo, amável, recebia o escritor na sua solidão letrada – o escritor necessitava apresentar-se com reverência. Tinha de haver uma apresentação condigna, solene, copiosa; e isso passava-se nesse pedaço de prosa em tipo largo, com citações latinas, que se chamava o «Prefácio». Aí, o autor, diante do leitor acolhedor e risonho, falava com prolixidade³ de si, das suas intenções, da sua obra. Depois o autor ia levando o leitor pela mão através da sua obra como através de um jardim que se mostra, percorrendo com gosto as áreas mais enfeitadas de erudição, parando por vezes a conversar docemente à sombra de um pensamento frondoso. Assim se formava entre ambos uma enternecida intimidade espiritual.

20 Depois, numa manhã de Julho, tomou-se a Bastilha⁴. Tudo se revolveu: e mil novidades violentas surgiram, alterando a configuração moral da Terra. Veio a democracia: fez-se a iluminação a gás; assomou a instrução gratuita e obrigatória; instalaram-se as máquinas que imprimem cem mil jornais por hora. Foi então que se sumiu o leitor, o antigo leitor, discípulo e confidente, sentado longe dos ruídos incultos sob o claro busto de Minerva, o leitor amigo, com quem se conversava deliciosamente em longos, loquazes «Proémios»: e em lugar dele o homem de letras viu diante de si a turba que se chama o público, que lê alto e à pressa no rumor das ruas.

25 Imediatamente deixou de haver essa amável e conversadora apresentação que se chamava o «Proémio».

30 Todavia ainda hoje há escritores que, seduzidos pela graça nobre das maneiras clássicas, quando procuram o público com um livro amorosamente trabalhado, querem pôr nesse encontro as formas aparatosas da etiqueta de outrora. São aqueles, sobretudo, que, escrevendo delicadamente e para delicados, contam apenas com o leitor dos velhos tempos.

35 Tu és desses: a grossa turba⁵ assusta-te um pouco, com a sua desatenção ruidosa: e confias sobretudo nesse leitor perfeito, amator raro das lindas flores modernas de fantasia e de estilo. Por isso desejas levar ao teu lado alguém, já mais familiar com ele, que lhe diga, seguindo as boas tradições dos saudosos proémios, «Leitor pio, benévolo e

¹ Voltaire (1694-1778) foi um filósofo e escritor francês, um dos grandes representantes do Movimento Iluminista.

² Séneca foi um filósofo e tragediógrafo latino.

³ Prolixidade – excesso fastidioso e inútil de palavras ou razões.

⁴ A Tomada da Bastilha foi um evento central da Revolução Francesa, ocorrido em 14 de julho de 1789.

⁵ Turba – multidão.

45 amigo, aqui te apresento...» E sou eu que tu escolhes para esta gentil cerimónia, perfumada de arcaísmo, entre os teus amigos «simples fazedores de livros», como dizia altivamente o velho Carlyle⁶.

50 Tu puseste ao livro amável o nome de «Azulejos» – nome claro, alegre, lustroso e bem meridional!... Ele exprime, gentilmente, a natureza dos teus contos, que oferecem cada um o desenho vivo e curto de um bocado da vida real, entrevisto, fixado ligeiramente, na primeira frescura da emoção. Assim, tu traças nos teus «Azulejos» breves esboços da vida interior e afetiva... E todos estes quadros são azulejos, verdadeiramente tratados à maneira dos azulejos de louça num corredor de mosteiro: não há neles nada de duro, de opaco, de empastado: são fáceis e límpidos: têm a precisão fina e graciosa de um contorno azul sobre um fundo branco.

55 Para fixar esses bocados de vida real, entrevistos e pressentidos, tens uma forma excelente, toda de naturalidade e de transparência.

60 No conto tudo precisa ser apontado num risco leve e sóbrio: das figuras deve-se ver apenas a linha flagrante e definidora que revela e fixa uma personalidade; dos sentimentos apenas o que caiba num olhar, ou numa dessas palavras que escapa dos lábios e traz todo o ser; da paisagem somente os longes, numa cor unida. Tu em boa hora seguiste fielmente esta poética, que é velhíssima, que já vem de Horácio. E isso forma um dos encantos dos teus «Azulejos».

65 E assim sensibilizado, vibrando suficientemente para sentir a subtil poesia das coisas; armado de uma ponta de ironia para impedir que as tuas criações se te azulem de todo sob a pena, num impulso de piedade sentimental, e se tornem romanescas e portanto falsas – tu pudeste fazer obra delicada e original, misturando o teu livro de graça poética e de verdade humana. São os teus contos, pois, ainda por este lado, realmente azulejos. A cor é azul, e portanto idealizada: mas nessa idealização de tom que pertence à imaginação e ao sonho – as figuras, pela exatidão do desenho, permanecem na realidade e são seguras expressões de vida.

70 Esta maneira de pintar a verdade, levemente esbatida na névoa dourada e trémula da fantasia parece, de resto, a maneira melhor e mais interessante para quem, como tu, nada mais quer nas regiões da arte do que saber de vez em quando, com senso e com gosto, contar uma história, imaginada ou lembrada. A arte, para os que não se enclausuraram todos nela como nos muros de um mosteiro, poetiza singularmente a existência.

E depois, amigo, a arte oferece-nos a única possibilidade de realizar o mais legítimo desejo da vida – que é não ser apagada de todo pela morte.

80 Só a arte realmente pode dizer aos seus eleitos, com firmeza e certeza: – «Tu não morrerás inteiramente: e mesmo amortalhado, metido entre as tábuas de um caixão, regado de água benta, tu poderás continuar por mim a viver. O teu pensamento, manifestação melhor e mais completa da tua vida, permanecerá intacto, sem que contra ele prevaleçam todos os vermes da terra; e ainda que, fixado definitivamente na tua obra, pareça imobilizado nela como uma múmia nas suas ligaduras, ele terá todavia o supremo sintoma da vida, a renovação e o movimento, porque fará vibrar outros pensamentos e através das criações deles estará perpetuamente criando. Mesmo o teu riso, de um momento, reviverá nos risos que for despertando; e as tuas lágrimas não secarão porque farão correr outras lágrimas. Ficarás para sempre vivo, para te misturares perpetuamente à vida dos outros; e as mesmas linhas do teu rosto, o teu traje, os teus modos, não morrerão, constantemente rememorados pela curiosidade das gerações.»

90 E esta promessa, amigo, não é falaz. A arte é tudo porque só ela tem a duração – e tudo o resto é nada! As sociedades, os impérios são varridos da Terra, com os seus costumes, as suas glórias, as suas riquezas: e se não passam da memória fugidia dos homens, se ainda para eles se voltam piedosamente as curiosidades, é porque deles ficou algum vestígio de arte, a coluna tombada de um palácio, ou quatro versos num pergaminho.

⁶ Thomas Carlyle (1795-1881) foi um escritor, historiador, ensaísta e professor escocês da era vitoriana.

A arte é tudo – tudo o resto é nada. Só um livro é capaz de fazer a eternidade de um povo. Leónidas ou Péricles⁷ não bastariam para que a velha Grécia ainda vivesse, nova e radiosa, nos nossos espíritos: foi-lhe preciso ter Aristófanes e Ésquilo⁸. Tudo é efémero e oco nas sociedades – sobretudo o que nelas mais nos deslumbra. Podes-me tu dizer quem foram, no tempo de Shakespeare, os grandes banqueiros e as formosas mulheres? Onde estão os sacos de ouro deles e o rolar do seu luxo? Onde estão os claros olhos delas? Mas Shakespeare está realmente tão vivo como quando, no estreito tablado, ele dependurava a lanterna que devia ser a Lua, triste e amorosamente invocada, alumando o jardim dos Capuletos⁹. Está vivo de uma vida melhor, porque o seu espírito fulge com um sereno e contínuo esplendor, sem que o perturbem mais as humilhantes misérias da carne!

Quer isto dizer, amigo, que os teus «Azulejos», pelo mero facto de não serem um relatório, hão de viver tanto como os mármorees do Pártenon!

Pode bem suceder que um dia, mais tarde, um desses amadores de antiguidades que se entretêm a revolver o lixo dos tempos, encontre, num recanto esquecido de velha livraria, entre o pó e o bolor, amarelado e roído dos vermes, estes teus mesmos «Azulejos» agora tão frescos e tão lustrosos ao sol. E, por curiosidade arqueológica, pode ser que esse paciente escavador das idades sacuda a poeira ao volume caduco, o folheie aqui e além... E lerá o livro todo; e o que tu pensaste fá-lo-á pensar, e sorrirá com o teu sorriso! As tuas criações perpassarão, queixosas ou alegres, com a vida que tinham no teu espírito, por diante da sua lâmpada – tendo recebido no espírito dele uma encarnação fugitiva, e por elas o teu ser, disperso na substância, estará um instante misturado a um ser vivo, e palpitando na sua vida toda... E quem ousará dizer que isto não é uma ressurreição?

Só por isso, amigo, vale a pena que te venhas juntar àqueles que, como dizia Carlyle, são «simples fazedores de livros».

Eça de Queiroz, “Prefácio dos *Azulejos* do Conde de Arnoso”, *Notas Contemporâneas*, Lisboa: Livros do Brasil, s.d., pp. 95-99; 104-112 (texto com supressões)

Para responder a cada um dos itens de **1 a 19**, selecione a opção correta, de acordo com o sentido do texto.

Escreva, na folha de respostas, o número de cada item e a letra que identifica a opção correta.

1. O “amigo leitor” a que Eça se refere era

- a. um homem douto que só lia livros de escritores amigos.
- b. um indivíduo abastado e dado a caprichos luxuosos.
- c. um aristocrata dado à leitura de obras de retórica e discursos políticos.
- d. um homem culto e requintado que se entregava à leitura.

⁷ Leónidas (540-480 a.C.), rei de Esparta, resistiu até à morte na batalha de Termópilas, quando os Persas invadiram a Grécia. Péricles (c. 495- 429 a.C.), célebre estadista, foi um dos principais líderes democráticos de Atenas. Aí promoveu as artes e a literatura, num período em que a cidade tinha a reputação de ser o centro educacional e cultural da Grécia Antiga.

⁸ Aristófanes (445-386 a.C.) e Ésquilo (525-456 a.C.) são célebres dramaturgos da literatura grega.

⁹ Alusão a uma das mais célebres peças de Shakespeare, *Romeu e Julieta*.